



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #6

A China na sombra de Trump: O que pode dar errado?

JULHO DE 2017



Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

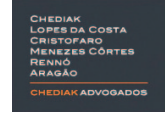
Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Guedes de Menezes** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Analista: **Ariane Costa dos Santos** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiário: **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Gabriel de Barros Torres, Mariana Panero e Victor Carap** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org - www.cebri.org

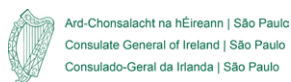
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



O sócio-fundador da consultoria Gavenkal Dragonomics, Arthur Kroeber, considerado um dos maiores especialistas em China no mundo, veio ao Brasil para proferir duas palestras seguidas de debates, promovidas pelo CEBRI (Centro Brasileiro de Relações Internacionais), uma no Rio e outra em São Paulo, em parceria com a Casa do Saber.

Kroeber trouxe uma visão acurada sobre as perspectivas da China para o futuro e, em particular, sobre os riscos e tendências em torno da relação entre o país asiático e os Estados Unidos. O consultor visitou pela primeira vez o país asiático em 1985 e trabalhou como jornalista cobrindo países asiáticos para edições de prestígio internacional, antes de fundar a consultoria.

Durante a palestra seguida de debate CEBRI *Breaking News*: “A China na sombra de Trump: O que pode dar errado?”, Kroeber demonstrou que a China vem sendo bem administrada, com prioridades claras e, principalmente, direção. Além disso, compartilhou que sentia-se mais otimista quanto ao risco da deflagração de uma guerra comercial por parte do Presidente Donald Trump contra a China.

Em São Paulo, o debate foi mediado pelo Conselheiro Emérito e Co-Fundador do CEBRI, Roberto Teixeira da Costa. No Rio de Janeiro, o ex-presidente do Banco Central e Conselheiro do CEBRI, Arminio Fraga, mediou o evento. Agradecemos a Arthur Kroeber, aos moderadores e conselheiros do CEBRI e à Casa do Saber, cuja parceria ensejou este evento e com quem temos tido a honra de trabalhar de forma mais próxima ao longo de 2017.

JULHO DE 2017

A China na sombra de Trump: O que pode dar errado?

Atensão levada para as relações entre Estados Unidos e China com a eleição e posse do Presidente Donald Trump deixou o mundo em compasso de espera. O título de um artigo publicado por Arthur Kroeber, sócio-fundador da consultoria Gavekal Dragonomics e um dos maiores especialistas em China do mundo, dias antes da posse do novo presidente americano, exporia a raiz do mal estar: Guerra Comercial ou Novo Acordo (Trade War our New Deal, no original em inglês). Na mesma semana, o Presidente da China, Xi Jinping, deixava clara e firme, na abertura do Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça), a posição do país em defesa da globalização. O tom rígido americano com relação ao parceiro abrandou nos meses seguintes. Houve reunião presidencial na casa de verão de Trump em Mar-a-Lago (Flórida), a celebração de um acordo sobre itens como carne, gás e serviços financeiros. Prossegue a busca de alguma harmonia em torno de temas explosivos, como as relações das duas potências com Taiwan e com a Coréia do Norte. A guerra comercial não eclodiu.

Declarou Arthur Kroeber: “Seria muito estúpido e autodestrutivo se os Estados Unidos comesçassem uma guerra comercial contra a China. E creio que os funcionários do Governo Trump avaliam que precisam ser mais cuidadosos para evitar impactos para a economia americana”. Com este cenário em mente, Arthur Kroeber participou em março de dois eventos promovidos pelo CEBRI (Centro Brasileiro de Relações Internacionais), um em São Paulo e outro no Rio, ambos em parceria com a Casa do Saber. De sua apresentação constaram qual seria o impacto de eventual queda de vendas chinesas para o mercado americano, que retaliações a China teria em carteira contra eventual batalha comercial e a perspectiva da manutenção da força da economia do país por longos anos, além da visão de que o *timing* para a declaração de guerra comercial havia passado. Em São Paulo, o CEBRI *Breaking News*: “A China na sombra de Trump: O que pode dar errado?” foi mediado e aberto pelo Co-Fundador e Conselheiro Emérito do CEBRI, Roberto Teixeira da Costa. Na edição carioca, a abertura e mediação do evento coube ao ex-Presidente do Banco Central e Conselheiro do CEBRI, Arminio Fraga.

A clareza quanto ao propósito de cada lado distingue o momento de cada país. “Os chineses têm clara noção da influência que eles querem tanto economicamente como politicamente, mas os americanos estão mais se perguntando: o que queremos? Creio que Washington não tenha percepção de sua necessidade estratégica”, comentou Kroeber. O consultor visitou a China pela primeira vez em 1985 e trabalhou como jornalista escrevendo sobre países asiáticos para grandes veículos internacionais, como *The Economist*, *Financial Times*, *The Washington Post* e *The Far Eastern Economic Revue*. Ele divide o tempo essencialmente entre New York e Pequim à frente de sua consultoria. O Brasil é o terceiro maior país com clientes em carteira da Gavekal Dragonomics, depois dos Estados Unidos e da Inglaterra. Em outro artigo, mais recente, Kroeber cita que enquanto Trump leva os Estados

Unidos a um isolacionismo confuso, a China encontra pela frente um vácuo de poder global e em sua vizinhança. A perspectiva da guerra comercial ficou temporariamente para trás. A tensão natural entre as duas superpotências permanece.

As implicações de uma eventual guerra comercial com a China seriam muitas, indicou Kroeber durante sua apresentação. De partida, até mesmo, um impacto relevante para o mundo poderia ser a queda do crescimento econômico da China. A estimativa é de que uma queda de 20% das vendas chinesas para os Estados Unidos gerariam redução de um ponto porcentual na expectativa de crescimento do país asiático. O Produto Interno Bruto (PIB) chinês, que por longo período cresceu à velocidade de dois dígitos, avançou 6,7% em 2016 e tem como projeção para 2017 uma expansão em torno de 6,5%. “Não seria um efeito pequeno”, disse o consultor, que já ao fim do segundo trimestre do ano enxergava a relação entre os dois países com um pouco mais de otimismo se comparado a meses anteriores.

Os efeitos para os americanos poderiam ser potencialmente dolorosos. Kroeber exemplifica que, em resposta a um possível pacote de sanções americanas, a China teria um arsenal de ferramentas como taxas sobre bens importados dos Estados Unidos, barreiras fitossanitárias sobre exportações agrícolas americanas, cancelamento ou atraso em ordens de encomendas de aviões da empresa americana Boeing e, principalmente, pressão sobre companhias americanas instaladas em seu país. As empresas americanas, conta Kroeber, têm investimentos fixos da ordem de US\$ 250 bilhões na China e seriam vulneráveis a ações de retaliação. “A China tem formas eficazes para retaliar. A pressão do setor privado americano tem se revelado importante”, disse o especialista. Para Kroeber, a maior probabilidade era a adoção de medidas simbólicas por parte do Presidente Donald Trump. Isso sem falar da perda de *timing* para confrontar mais intensamente os chineses: para acionar uma ofensiva comercial forte e agressiva, o novo presidente americano deveria ter agido de forma rápida, ainda no início do mandato, para assim reduzir a margem de reação contrária do lobby interno americano, explicou.

Na visão de Kroeber, os alertas consistentemente emitidos ao longo da campanha presidencial por Donald Trum e desde sua chegada à Washington D. C. poderiam representar, ainda, forma tática para preparar os chineses para fazerem concessões. O fato é que a maneira como a atual gestão passou a tratar a potência oriental representa uma inflexão, comparado ao modo como governos anteriores vinham tratando a China. Segundo Kroeber, durante as cinco administrações americanas que se seguiram à viagem do então Presidente Richard Nixon a Pequim, em 1972, uma China “próspera, estável e pacífica” era do interesse nacional americano. Naquele ano, a visita representou um passo formal para a normalização da relação entre os dois países. Este ano, a dúvida passou a ser sobre o tom do enfrentamento: se a Casa Branca teria uma “compreensão realista dos limites do poder americano” ou experimentaria uma “fantasia de onipotência”.

Aqui, vale lembrar uma das declarações marcantes do Presidente Xi Jinping em Davos: “Nós, os chineses, sabemos muito bem o que é preciso para alcançar a prosperidade, então nós aplaudimos as conquistas dos outros e desejamos-lhes um futuro melhor. Não estamos com ciúmes do sucesso dos outros e não nos queixaremos dos outros que se beneficiaram.

Bem-vindo a bordo do trem expresso do desenvolvimento chinês “, discursou o presidente chinês, que em momento algum citou o nome de Donald Trump. Nas últimas décadas, com efeito, a China prosperou economicamente no mundo e expandiu esfera de influência sobre a Ásia. Caberia aos Estados Unidos, diante desta trajetória, analisa Kroeber, aceitar o papel ascendente da China no Leste Asiático ou buscar conter o avanço desta importância relativa regional, por meio de uma “estratégia paciente” ou “por agressão definitiva”. Ainda que aceitar a importância chinesa possa soar como “desagradável” para parte dos americanos, a outra alternativa implicaria custos extraordinariamente elevados e riscos de falha igualmente altos. “A China não é uma União Soviética: possui um sistema econômico robusto e empreendedor, está profundamente inserida nas cadeias de produção globais e, mais importante, não tem constrangimento para investir, graças à alta taxa de poupança”, delineia o sócio-fundador da Gavekal.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Expectativas para o encontro

À véspera da reunião presidencial na Flórida (EUA) entre Estados Unidos e China, em abril, o jornal britânico *The Guardian* traça a ascensão e liderança do presidente chinês Xi Jinping em seu país e no mundo.

Xi Jinping dá as cartas antes do encontro de Mar-a-Lago com Trump



<https://www.theguardian.com/world/2017/apr/05/xi-jinping-holds-all-the-cards-ahead-of-mar-a-lago-meeting-with-trump>

Em linhas gerais, Kroeber observa que qualquer ajuste sensato quanto às relações econômicas entre Estados Unidos e China não deveria passar por aspectos puramente comerciais ou sobre a localização da produção de bens e da oferta de serviços. Deveria contemplar, principalmente, os investimentos. Isso porque a China precisa investir no mundo, incluindo os Estados Unidos, e estes têm sabidamente interesse em investir no mercado que mais cresce no globo, o chinês. Ele também relembra que a China conta com uma das maiores taxas de poupança do mundo como proporção do PIB, na casa dos 40%, e o risco de uma crise financeira no país asiático é baixo, bem menor do que alguns imaginam. “Há muito endividamento e saída de capitais, mas também uma taxa de poupança doméstica elevada. A chance de uma crise nos próximos cinco anos é improvável”. Adicionalmente, 90 milhões de domicílios chineses dispõem de renda per capita de US\$ 21 mil ao ano e as estimativas são de que este volume duplique

até 2025 para 180 milhões de domicílios com este patamar de renda. Este nível de renda, explica Kroeber, permite o consumo familiar em padrões internacionais, voltado a serviços financeiros, viagens, educação e saúde.

Kroeber apresentou que a China deixou de ser um país meramente de mão de obra barata e, ainda assim, manteve a competitividade de suas exportações. Ele compara que se o salário médio do trabalhador chinês na indústria há dez anos era inferior aos empregados industriais latino-americanos, hoje a faixa salarial chinesa é superior—exceção feita à remuneração da indústria no Chile. Junto ao dinamismo econômico, a estrutura política chinesa tem feito a sua parte no quadro de evolução. O protagonismo político interno tem sido considerado um dos riscos para a economia chinesa há três décadas, “mas o Partido Comunista tem conseguido equilibrar poder político

forte e economia em crescimento e dinâmica”, complementa Kroeber.

O sócio-fundador da Gavekal Dragonomics comenta que é comum pessoas retornarem ao ponto de que o avanço da economia chinesa em direção ao capitalismo é forte, mas que permanece um partido único no comando. A combinação, considerada inviável para alguns, levaria, no limite, a economia entrar em colapso ou afetaria o próprio Partido Comunista. “Isso, da forma colocada, está errado por 30 anos. A economia está mais forte do que nunca e o Partido também está mais forte do que nunca”, argumenta Kroeber. Ele reconhece que pode não haver garantia de que o partido conseguirá manter “para sempre” este quadro atual. No entanto, pondera que os sinais são de que nos próximos dez anos tem condição de se adaptar a novos formatos econômicos no mundo. Ele também indica que a economia chinesa tende a manter o ritmo atual de expansão por dez ou doze anos e pode até ultrapassar a economia americana, muito embora esta não seja ainda uma perspectiva assegurada para os próximos anos.

Na prática, a economia chinesa tem evoluído mais a partir do mercado interno. A expansão econômica, antes originada principalmente por meio das exportações, decorre crescentemente da demanda doméstica. O peso da indústria na economia tem reduzido comparativamente ao avanço do setor de serviços. “Esta é uma transição muito estabelecida e com uma clara direção. Para mim, mais importante que a velocidade é a direção. É difícil mudar a forma como as pessoas fazem as coisas e leva tempo, mas a direção é claramente para uma economia mais dependente de consumo”, resumiu. No *front* externo, o padrão de investimento direto chinês tem sido nas áreas de recursos naturais e infraestrutura, sobretudo em países em desenvolvimento, em grande medida por iniciativa estatal. Cresce, entretanto, o peso dos aportes em produção, serviços e tecnologia nos países desenvolvidos, feitos por empresas privadas, explicou Kroeber. Este ano, o governo chinês anunciou seu megaprojeto de infraestrutura “One Belt, One Road”, para unir Ásia e Europa, como o “projeto do século”, com investimentos liderados pelo país em energia, portos, ferrovias e pontes. Mais de 60 países prestigiaram o fórum realizado em Pequim para a China apresentar a nova rota da sede, por eles projetada.

De janeiro, ressona ainda a forma como cada líder se posicionou diante dos grandes temas. O Presidente Xi Jinping comparou o protecionismo à trancar-se em um “quarto escuro”, para se proteger contra o perigo mas, ao mesmo tempo, privar a sala “da luz e do ar”. No mesmo discurso, em Davos, assegurou que a China não recorreria à desvalorização da moeda nacional para incentivar as exportações. Com poucos dias de diferença, Trump, no discurso de posse, pregava: “Devemos proteger nossas fronteiras das devastações dos outros países fazendo nossos produtos, roubando nossas empresas e destruindo nossos empregos. A proteção vai levar a grande prosperidade e força”. As distâncias podem ter diminuído um pouco ao longo do semestre. “Primeiro, o risco de uma guerra comercial prejudicial entre os dois países se evaporou. Em segundo lugar, o problema urgente da Coreia do Norte empurrou outros elementos da rivalidade estratégica para o fundo”, ponderou Kroeber, sobre o evento na Flórida. Contudo, manteve um alerta: “Fundamentalmente, os EUA não têm novas ideias úteis e o *status quo* incômodo (entre os dois países) provavelmente irá persistir”.

“

O sistema financeiro chinês é bem gerenciado. Não vejo algum problema de financiamento para a China nos próximos anos.”

“

Uma redução em 20% nas vendas para os Estados Unidos podem reduzir em um ponto porcentual o crescimento chinês ao ano.”

“

Chineses têm clara noção da influência que eles querem tanto economicamente como politicamente. Mas os americanos estão mais se perguntando: ‘o que queremos’? Creio que Washington não tenha percepção da necessidade estratégica.”

“

Os chineses têm grande capacidade de resposta com relação a eventuais medidas comerciais de Trump. As companhias americanas têm US\$ 250 bilhões em estoque de capital investido na China.”

“

O Partido Comunista chinês tem dois grandes objetivos, que são continuar no poder e crescer a economia expressivamente. E eles têm feito boa administração, de forma estratégica e pensada.”

“

A credibilidade hoje é muito maior do que nos anos 80, não acho que os macro dados tragam distorções que sejam tão grandes a ponto de se mudar toda a visão que temos do país.”

Arthur Kroeber, Sócio-fundador da Gavenkal Dragonomics



Biografia

Arthur Kroeber

Arthur R. Kroeber é chefe de pesquisa na Gavekal, empresa de serviços financeiros sediada em Hong Kong, fundador da Gavekal Dragonomics, que presta serviços de pesquisa com foco em China e editor do China Economic Quarterly. Ele divide seu tempo entre Pequim e Nova York. Antes de fundar a Dragonomics em 2002, passou quinze anos como jornalista financeiro e econômico na China e no Sul da Ásia. É *senior fellow* não-residente do Brookings-Tsinghua Center, professor adjunto da Escola de Relações Internacionais e Públicas da Universidade de Columbia e membro do Comitê Nacional de Relações EUA-China. Seu livro *China's Economy: What Everyone Needs to Know* foi publicado pela Oxford University Press em abril de 2016.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org